

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS. REBACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

27 de Abril de 1879.

A's. ex. o sr. dr. Presidente da Provincia.

A TRANSFERENCIA DA BARREIRA DO PIQUETE E A PONTE DO POCHINHO.

Volta á carga o nosso illustre desconhecido e oppositor, que, em novo artigo inserto no *Jornal do Commercio* de 18 do corrente, faz algumas considerações acerca do nosso editorial do n. 38. Ali não se responde a esse editorial, e constitue essa circumstancia para nós a mais significativa e completa victoria, por quanto vem-se apenas provar ao publico e á s. ex. o sr. dr. Presidente da Provincia que os nossos argumentos adduzidos contra o absurdo e attentatorio projecto da transferencia da Barreira do Piquete—são de tal natureza razoaveis, e tanto se justificam e se baseiam no bom-senso e até em um direito natural e indisputavel, que, por mais habil e ametrada que seja, como cremos, a penna que nos disputa, resente-se agora de fraqueza e demonstra de um modo evidente e irreversivel que falta-lhe terreno para firmar-se; e, bem semelhante ao naufrago que tenta em vão valer-se dos mais leques e frageis ramalhães á margem de caudalosa corrente, que abre-se para tragar-lhe e vai irreversivelmente ao fundo, impellido pelo fatal principio da gravitação dos corpos; assim o nosso illustre contendor, cedendo-nos a palma da victoria, em face dos argumentos indestructiveis que desenvolvemos, vem apenas dizer-nos agora que, espanhando a luva que lhe atiramos, retira-se e despede-se entretanto do certame para que o convidamos, por que é cara a imprensa no paiz, porque precisa desatar os cordeis da bolsa e por que, finalmente, não dispõe, como nós, das columnas do *Echo*!!

Optou por uma tão ingenhosa quanto pueril terminação antes que se visse na contingencia de ser o primeiro a tornar patente a carencia de argumentos que viessem consubstanciar as razões da causa desesperada que defende, e cujos motivos legitimam, na sua opinião, as duas medidas propostas á assembleia, etc!

Lamentamos que tenhamos, em vista a gravidade da materia, de discutir com aquella gravidade que requer o caso, embora o nosso contendor nos cucoine de falta de scri-

dade. No entanto, temos tanto em mente este principio, e tanto nos acostumamos a acatá-lo, que deixamos de responder aqui calheoricamente e ao pé da letra á sua agastada e mephistophelica proposição que encerra uma demorada gestação e mais que laborioso parto.

Somos opportunistas.

Labora em erro o nosso oppositor quando nos considera magoado pela sua discussão; nem lhe atiramos a luva como eré, ao contrario, com a mais pacifica e amigavel disposição de animo—apenas o empurramos para uma discussão séria e judiciosa.

Temos tanta convicção das razões que expendemos, ao encetar e desenvolver esta discussão; temos tanta convicção da sublimidade, da magnitude e da justiça da nobre causa que defendemos; temos tão robusta e enraizada fé nos patrióticos sentimentos de justiça em que se inspira o nobre e illustre sr. dr. Presidente da Provincia, na rectidão dos seus actos e na sua reconhecida imparcialidade na distribuição da justiça,—que não hesitamos em declarar ao nosso contendor que achamos realmente justa só uma das suas razões expendidas: é essa que se refere á careza da imprensa no nosso paiz. E, para obviar a essa circumstancia que actua tanto no animo do nosso illustre oppositor, ao ponto de obrigar-o a calar-se como promette, e sendo nós, mais do que qualquer outro, apostolo devotado da liberdade de pensamento e da livre discussão—e para que não se procure fazer como argumento a desigualdade de armas, offerecemos com toda a boa vontade ao nosso contendor as columnas do nosso humilde periodico, que, ainda não equiparando-se ao jornal dos *entrelinhados*, podemos-lhe entretanto garantir que tem uma circulação relativa e, o que importa mais,—é lido por s. ex. o sr. dr. Presidente da Provincia.

Diz-se no artigo que ora commentamos que a Provincia creando o imposto addicional não cogitou exceptuar d'elle o municipio do Cruzeiro e a freguezia da Cachoeira, e que por tanto devemos pagar na agencia da barreira, isto

com o philantropico fim de nivelarmos-nos á Lorena e outros pontos que se utilisam da E. de F. do Norte!

Perguntamos: esse imposto addicional não seria creado com o fim de auxiliar o pagamento do juro de 7% que garante a Provincia aquella companhia, com a qual, posto que fillos da mesma provincia—nada tem que haver—Cachoeira, Cruzeiro, e assim como estas—muitas outras localidades da provincia, pois que não se servem da referida companhia?.....Certamente.

O'ra, o illustre contendor, que é tão apaixonado pela applicação do adjectivo derivado de *Quixote*, ha de irremissivelmente concordar com nosso que, se á tal resolução fosse-nos levados, isto é, a pagar aquilo que não encommendamos e de que não nos servimos, importaria então com maioria de razão um tal procedimento de nossa parte—uma verdadeira quixotada.

Por em quanto, porem, as populações de Cachoeira e Cruzeiro não se compõem de Beócios, nem Dons Quixotes, e nem seriam ellas as unicas exceptuadas da imposição tão apregoada do imposto addicional; porquanto, em identicas circumstancias se acham Queluz, Silveiras, Sapê, Areias, Bananal, etc., embora que sendo partes importantes e integrantes da provincia de S. Paulo, e por que? Por que, como nós, não se servem da E. F. S. Paulo e Rio de Janeiro.

Não podemos, bem a nosso pesar, deixar passar desaperecebida e impunemente uma proposição capciosa que, entre outras, emittiu o nosso contendor: é aquella em que ingenuamente se pergunta:

«E que culpa teria Lorena de achar-se, para a exportação do Sal de Minas, em condições mais favoraveis do que Cachoeira, pela menor distancia, etc, etc?.....»

Uma tal proposição importa não só falta de lealdade para com aquelles que não conhecem topographicamente Cachoeira, Piquete e Lorena—si não ainda como vulgarmente se diz—tenta-se assim, mas em vão—tapar o sol com uma peneira!

Alem de serem quasi as mesmas

as distancias a percorrer entre Piquete e Cachoeira e aquella que media entre Lorena e Piquete—acresce que as tropas que optarem por Lorena,—aquellas que alli forem bater suas cargas—tem ainda o augmento da despeza do carreto de E. de F. de Lorena á Cachoeira.

Entretanto, não somos em Cachoeira tão exigentes como eré o nosso contendor.

Assim, seria menos absurdo ser Lorena um dia o *Campo da Igualdade* de Victor Hugo, do que Cachoeira vir a ser a Capital da Provincia.

No entanto, as nossas legitimas e bem fundadas aspirações não vão tão alto: contentamo-nos com muito menos, como fatalmente virá provar bem proximo futuro.

Com a cessação de pagar Lorena duas vezes um só imposto, como diz o nosso contendor, provir-nos-hia muito incremento?... Folgariamos com tão auspicioso successo, mas confessamos que não acreditamos em semelhante hisogeira miragem e menos no *catonismo* da proposta.

Em quanto á suppressão da Barreira do Piquete (do registro), estamos de perfeito accordo.

E tanto mais commungamos neste principio, quanto é certo que, abstrahindo-se da inverosimilhança da hypothese formulada pelo nosso contendor—de privarmos de perto com os *dominadores da epocha*, sendo mesmo fracos e exiguos os recursos de que disponhos, temos todavia o prazer de declarar ao illustre contendor que, com abundancia de coragem, deixamos á sua disposição não sómente o nosso pequenino prestimo, si não, como já o dissemos e reiteramos—abrimos de par em par as portas da modesta, pequena, despretenciosa e humilde tribuna popular de que disponhos, para vir alli advogar e defender os seus direitos e interesses, e com elles os da população em cujo nome falla e por cuja prosperidade e engrandecimento se consagra com invejavel e heroica abnegação.

A ponte do Pochinho?.....

Não zombamos do bom-senso publico, nem procuramos illudir a

s. ex. o sr. dr. Presidente da Província. Emprazamos ao nosso contendor a retirar tão injuriosa proposição. De facto não conhecemos materialmente essa ponte, embora que saibamos que aquelle canal (Pocinho) é nimiramente improprio para consttueçes: não offerecem duradão as pontes naquello estreito, já pela natureza arenosa do leito e margens do rio ali, já pela sua excessiva profundidade: e já pela precipitada correnteza de suas aguas.

Baseados, pois, n'estes principios dizemos com aquelles que, melhor do que nós, conhecem o local onde consttue-se a ponte—que aquelle *salido artificial* não offerece as condições de solidez e durabilidade que apregoa o nosso illustre contendor.

NOTICIARIO

Assassinato.—Do 18 para 19 do corrente fôra barbaramente assassinado nas cercanias de Lorena o capitão João Ignacio Bittencourt. Seu cadaver fôra encontrado todo mutilado em um brejo pouco distante da cidade, lugar onde se suppunha que fôra consummado aquelle barbaro attentado.

Suppõe-se que o crime fôra praticado por escravos, recalculando desconfianças sobre um escravo por nome Tibério, do fallecido e em mais alguns do Capm. João J. Rodrigues Ferreira, achando-se já presos Tibério e um casal pertencente ao referido Capm. Rodrigues Ferreira.

O capitão João Ignacio, pelas suas excellentes qualidades gozava de geral estima tanto no círculo dos seus co-religionarios como entre os seus adversarios politicos.

Não consta que o finado alimentasse desavenças com quem quer que seja: por isso e pelo mais que dissemos é muito de supprer que o barbaro delicto tenha tido por autores os escravos indigitados.

Os Srs. Delegado de Policia e dr. Promotor publico tem sido incansaveis em promover diligencias com o fim de fazer-se á luz. Temos fé de que, devido aos seus esforços, sejam em breve descobertos o malvado ou malvados autores de tão atroz assassinato.

A' desolada familia do finado, esta redacção dirige pezames por tão infante e luctuoso acontecimento.

Força publica.—O nosso prestante Sub-delegado em exercicio sr. Claudio d'Almeida Palma, assim como o sr. Alfere Antonio Joaquim de Pinho, ao receberem a infusta noticia de ter sido barbaramente assassinado em Lorena o Capitão João Ignacio Bittencourt, foram incontinentemente áquella cidade offerecer ao sr. Delegado e dr. Promotor Publico os seus prestimos como Agentes de Policia, com o fim de auxiliarem áquellas dignas autoridades no louvavel empenho de

desenbrirem os desalmados autores do homicidio.

Louvamos o procedimento de s.s.

Camara de Lorena.—A população de S. Antonio clama pela abstracção do fôjo-volcão do largo da Estação.

Pedra dura em agua molle....

Nupcias.—A 24 de mez que corre uniram-se pelo matrimonio o nosso particular amigo e devotado collega de trabalho, sr. Augusto Alvear Moreira e s. exma. srna. D. Maria do Carmo digna filha do sr. Joaquim da Rocha residente n'esta freguezia.

Foi celebrante do acto o Rm. sr. Padre Antonio C. Ribeiro, Vigario da Parochia: fôram testemunhas por parte do noivo o sr. Jeronymo G. Bastos e pela da noiva o sr. Alfr. José F. Ortiz.

O acto foi celebrado em oratorio particular.

A' noite uma esplendida reunião familiar em casa de residência do sr. e G. Bueno veio cordar o enlace do nosso amigo, pelas significativas provas de sympathia que lhe foram prodigalizadas por numerosos amigos que tomaram parte na reunião.

Ao nosso amigo—mais uma vez damos parabens, assim como á sua sympathica e joven consorte.

Fallecimento.—A 19 do corrente falleceu na capital da Província s. ex. o sr. Visconde de Guaratinguá. Seu cadaver fôr transportado para a cidade da qual tinha o nome e ali foi dado á sepultura.

Dirigimos á distincta familia do finado e particularmente ao nosso illustado e bondoso amigo sr. Major Francisco de Assis Oliveira Borges os nossos sentidos pezames.

Reunião familiar.—A 18 do corrente, em casa de residência do nosso amigo Rm. sr. Padre Antonio Carlos Ribeiro reuniu-se uma ecclhiastica sociedade e á noite, na que nos consta, houve uma animada *soirée* que prolongou-se até á madrugada de 19.

Por motivos fortuitos não nos foi dado assistir áquella entretenimento familiar que, segundo, nos affirmam, corria sempre bem, com grande harmonia e enthusiasmo entre os convivas.

Agradecemos a S. Rma. a delicadeza e a obsequiosidade do convite que nos endereçou.

Um amigo que tomou parte n'esta reunião teve a bondade de remetter-nos a seguinte noticia:

Soirée.—Têve lugar no dia 18 do corrente em casa do Rm. sr. Padre Antonio C. Ribeiro, uma bella e esplendida reunião familiar, proveniente de ter o Dr. Olynto A. Ribeiro conduzido uma filha ao seio da Christandade.

Esteve como era de se esperar, uma das melhores que aqui temos tido. A sala algum tanto acanhada, porem elegantemente enfeitada, combe 48 pares, deixando os convivas na maior satisfação e alegria.

Parabens ao Dr. Olynto e á sua exma. familia.

Folhetim.—Em outra secção de nossa folha estampamos hoje um bem elaborado trabalho litterario

de um nosso illustado collaborador que se encobre sob as iniciaes V. P. — Versa sobre a ultima *soirée* havida em casa do Rm. sr. Padre Antonio C. Ribeiro.

Chamamos para essa produccção litteraria a attenção dos nossos leitores.

Camara Municipal do Cruzeiro.—Esta edilidade, por intermedio do seu secretario modelo *bitu* na Gazeta, noticia da sua sessão extraordinaria de 7 do corrente. O que andaria por lá?—Brevemente sabremos.... O tal *escrúpulo*, queremos dizer—secretario, quando é *primadista*, e nem pecca por almeicrado—den tambem noticia das bellas Cruzetenses....

Hom'essa!!

E creia-se em mendigos!—A 8 do corrente falleceu no hospital da Santa Casa de Misericordia de Barra Mansa Barbara Maria Ribeiro, Portuguesa—que residia longo tempo n'esta freguezia, onde passava por indigente. Foi aqui tratada por caridade, de tenaz enfermidade que soffria e da qual veio a succumbir, pelo sr. Joaquim Vicente, subdito Portuguez, o qual vendo ultimamente agravarem-se os soffrimentos d'aquella infeliz fôla conduzir ao hospital de caridade de Barra Mansa.

Tenho constado, porem, ao consul Portuguez em Guaratinguá que Barbara deixara em poder do referido sr. Joaquim Vicente duas canastras e alguns objectos, veio a esta povoação tomar conhecimento do facto, e em presença do sr. Claudio de Almeida Palma, subdelegado em exercicio, foram-lhe entregues essas canastras, estando uma d'ellas aberta e outra fechada. Nesta, entre outros objectos de insignificante valor, fôra encotrada a quantia de cento e sessenta mil reis! Asseveraram-nos que a finada passava miseravelmente, e teria morrido á fome se não tivesse sido amparada pela caridade publica e principalmente pelo philantropico sr. Joaquim Vicente.

Uma fera humana.—Do *Reporter* extrahimos:

«Um individuo chamado Celedonio Mesa, sujeito de instinctos ferozes, e que mais de uma vez teve que arranjar contas com a justiça, habitava recentemente na campolina de Tapaiqui.

Na tarde do ultimo dia de Janeiro, Mesa sabio de um rancho onde vivia em companhia de sua mulher e um filhinho de 6 mezes, para assistir á umas carreiras que tinham lugar nesse dia e á pouca distancia de casa.

Afastou-se elle de sua casa, como sempre, acompanhado de seu facto e montado em seu cavallo *ocero*. Assitiu ás carreras, onde por duvidas em uma aposta trocou palavras com outro paizano, palavras que bem depressa trocaram-se em lucta sanguinolenta.

Poucos momentos depois, o antagonista de Mesa cahiu com o peito crivado de punhaladas.

Mesa montou no seu *ocero* e se afastou rapidamente do lugar, chegando á sua casa com a agitação do

crime e a razão alterada pelo alcool que tinha tomado nas carreiras, entrou terrivel no seu rancho, onde principiou a accommodar algumas prendas que desejava levar, pois essa noite abandonaria o partido de Tapaiqui.

A mulher horrorizada pelo aspecto feroz do marido approximo-se-lhe e perguntou-lhe carinhosamente o que tinha?

—Acabo de matar a um homem, disse-lhe Mesa, e me auseno antes que me prendam.

E não me levas?

Não te levo; fujo, fujo e talvez não te veja mais.

E nosso filho? perguntou chorando a companheira de Mesa, que será de nosso filho? morreremos de fome e de miseria!

Não me importa nada, eu fujo, replicou Mesa, accommodando apressadamente suas prendas. Pois não te importa nada de nosso filho? acrescentou desesperadamente a mãe, puxando-o pelo poncho, em momentos que Mesa passava o umbrel do rancho; pois não sahirás daqui.

Mesa deteve-se e olhou sua mulher com uma expressão sombria:—em seu rosto decomposto, estavam pintados todos os instinctos selvagens.

—Espera, disse-lhe esta, e indo a um canto do rancho, onde estava o filho, trouxe-o e perguntou resolutamente: com que nada te importas nosso filho?

Mesa olhou a mulher, olhou a seu proprio filho e cresceu em ferocidade, a qual estava pintada em seu semblante, tomou em seus braços a criança e contemploou-a em momento.

Em seguida sahio para fora, e agarrando-a pelos pés e agitando-a com força, atirou-a para o ar.

Sua mulher lançou um grito de terror e precipitou-se a receber em seus braços o corpo daquella creatura que descia dando voltas—porém inutilmente.

Mesa, que era muito mais alto, recebeu-a na ponta de seu facto por cuja folha correu até o seu proprio punho, e atirando-a no rosto da mãe, depois de tirar o facto e secar o do sangue de seu filho.

Afastou-se dizendo-lhe:—ahi tens o que me importa essa porcaria.

Em seguida montou a cavallo e afastou-se n'uma carreira vertiginosa.

A mulher de Celedonio Mesa estava louca um mez, durante cujo tempo não se ouviu falar daquella fera assassina.

Por fim, Mesa arrou uma richa n'uma taverna do Bragada, onde foi preso e remetido como autor de um homicidio que commettera alli, ha tempos.

Remettido ás autoridades, emquanto se julga a sua causa, Mesa habita uma cellula na penitenciaría.

E' o criminoso mais repugnante que está preso naquella estabelecimento.

Este horroroso facto é desse modo referido por um nosso collega de Buenos-Ayres.

Echo das Damas.—Recebemos o l.º n.º d'este interessante e bem redigido jornal que encatou a sua publicação na Corte, a 18 do corrente, á rua d'Ajuda 78.

E' propriedade de D. Amelia Ca-

rolina da Silva & Comp'.

O seu programma limita-se ao seguinte:

« Defender os interesses da mulher e a idéa com que se apresenta a redacção do *Echo das Damas* na grande tribuna da imprensa ».

« A nossa folha advoga uma causa santa que deve de merecer a consideração de todos aquelles que se interessam pelo progresso moral d'este paiz ».

« Esperamos ser auxiliada por todas aquellas que comprehendem a necessidade que ha em advogar os nossos interesses perante a nação ».

A redacção do *Echo Municipal* suadã á illustrada collega do *Echo das Damas* e faz votos pela prosperidade da sua peregrinação jornalística, que a conduzirá sem divida a um risonho futuro. Enviaremos-lhe presente n. do nosso periodico.

Variedades

A luzinha azulada

Cento

(Vide o n. 28.)

Que força obrigara Antonio a não ir ver sua querida Branca no dia de *Anno Bom*?

Por que tão triste, agora que de novo se aproxima a hora desajada, se sentava elle entre as irmãs que o cercavam de carinhos e pareciam querer lerem-lhe n'alma o que lá se passava!

Quem o poderia dizer? Antonio nada contava a ninguém.

— Esta tua tristeza, querido irmão, está eloquentemente fallando por ti. Tu não viste Branca hontem. Quem vê aquelle anjo fica sempre alegre!..

— Pois agora, continuava a mais velha, agora que vem cortando o dia em que Branca deve ser nossa irmã, agora que nossos pais se reconciliam; que novo infortúnio é este que te traz tristeza para a alma, que nova barreira se te levanta no caminho da casa de Branca?..

O moço levantou os olhos entristecidos.

— Lembrai-vos, minhas irmãs, que dia foi o de hontem?

As duas engraçadas meninas, com os olhos vermelhos, pelas lagrimas que vinham a borbulhar, abafando affirmativamente a cabeça, responderam-lhe:

— Oh sim! Antonio, foi n'um dia como o de hontem que morreu nossa santa mãe!..

— Mas quão satisfeita deve ter ella ficado ao enxergar lá do céu como achegamos-nos hontem todas juntas aos pés da Virgem e oramos unidas as vozes pelo seu socorro eterno!..

— Pois bem, queridas irmãs, continuou Antonio beijando-lhes as mãos e embelhendo-lhes nos rostos o olhar melancólico — tu, Julia, perguntas-me que barreira se me levanta no caminho de casa de Branca? Eu te responderei, querida irmã: a vontade de nossa santa mãe!..

— De nossa santa mãe?

— Escutem-me... hontem ao deitá-las para ir abraçar Branca, e ao passar por perto do cemiterio vi vir correndo uma luzinha azulada que parou defronte de mim; queria passar e ella parecia oppor-se.

Deixei o trilha e procurei am desvio, mas a luzinha que oscillando, ora crescia, ora diminuia, correu de novo, tornou a vir parar á minha frente. Conheci alli a alma de nossa mãe, minhas irmãs, e descobrindo-me, disse-lhe:

— Não queres que eu passe, minha mãe?... Pois bem, voltarei. Não irei ver Branca. Sempre te obedeci em vida, porque não hei de te respeitar morta? Adeos, minha mãe! adeos! E voltei.

A « luzinha azulada » me acompanhou até aqui e depois sumiu-se. — Oh como ella é sempre boa! Como lá mesmo de cima vêlla sobre seus filhos cá na terra!

— Mas quem te diz, meu irmão, que ella reprova o amor de Branca? Quem te diz que não correrias um grande perigo e nossa mãe te veio salvar d'elle? Bem sabes que o filho do commendador de quem Branca não fez o menor caso, jurou matar o preferido. — Pode muito bem ser que aquelle malvado te estivesse esperando hontem de emboscada em alguma arvore!..

— Podia muito bem ser. E' impossivel que nossa santa mãe reprove teu puro amor. Branca é tão boa!

— Oh! Obrigado, minhas irmãs. — Aproxima-se a hora de ir dormir; corre aos braços de Branca e não fiques mais triste assim.

— Olha, cuidado quando atravessares o bosque.

Antonio, a quem as palavras das duas irmãs vieram completamente animar, correu então pressuroso á costumada entrevista de seu amor. Branca cheia de satisfação ouviu-lhe d'esta vez distintamente a voz vindo das montanhas do norte e dentro em pouco cahia-lhe nos braços.

No dia seguinte espalhou-se pela Villa a noticia de que o filho do commendador morrera envenenado pelos dentes de uma terrivel cascavel.

Julia e Maria tinham razão, a Luzinha azulada viéra salvar o irmão de um grande perigo. O grito agudo que Branca ouvira na noite de *Anno Bom* fora o ultimo arranco do desgraçado estrebuchando mordido atraz da folhagem em que se occultara com intenções homicidas.

Antonio e Branca com contentamento geral cazaram-se dias depois e conta-se que sempre que elles tem de atravessar o bosque nas noites de escuro a luzinha azulada apparece e lhes vem guiar os passos.

Elles como duas crianças conversam com a luz oscillante e todos os Domingos ao sahirem da missa vão rezar de joelhos sobre o tumulo da santa mulher.

P. S.

Um Martyr— CONTO ORIGINAL POR

Calanio Reperai.

Offerecido a

Eurico d'Albuquerque

VI

Espinhos acerbos.

Passaram-se dias e dias. Alípio continuava sempre preso da mesma agonia intima, que lhe cavava a morte no coração. Fazia de todos, não frequentava as aulas, as faces encurvavam-se-lhe mais, os olhos encovavam-se-lhe, definhava de momento para momento.

Um dia encontrei-o com o olhar ardente mas fixo, caminhava como aborrido nos seus pensamentos; não me viu, não me fallou. Aquelle ar assustou-me. Corri para elle e gritei-lhe:

— Alípio, não me vêes, não me fallas, não conheces o teu amigo?..

Parou. Fixou-me com o mesmo olhar insalvable e vago, depois parou e conheceu-me. Um imperceptivel sorriso lhe encrespou os labios, e com voz sumida e queixosa murmurou:

— Perdão, amigo, perdão... tinha-te tambem esquecido... Se eu via-me tão só... tão desgracado!

— Mas que novo tormento criaste mais para sofrer? Ha muito tempo que não te vejo; por onde tens andado?

— E sei-o eu? Olha: ha tres dias que divago sem destino por esse deserto de Lisboa; ha tres dias que tenho andado como perdido, que me tenho sustentado da luz do sol, acalentado do frio da noite.

— Mas tua familia... Albertina...

— Não sei Saio d'aquella casa. Passei do centro de uma familia para o isolamento no meio de uma população de milhares de pessoas. Oh! meu Deus, e não morri... Olha, ha tres dias acordei eu, ouvindo a voz efflicta de Albertina. Chorava e pedia um consolio. Pareceu que se tinha descoberto o nosso amor... Saí do meu quarto.

Mus-tios não me appareceram, mas entrevi Albertina com as faces demauidas os cabellos dispersos, os olhos embalsados de lagrimas. Parecia um cadaver... Suas irmãs fugiam-me. Respirava tudo um ar de constrangimento, que me gelou o coração. Saí, deixando dito, que não podia, que não queria desintelligencias em uma casa, aonde tinha sido acolhido quasi como um pobre, a quem se dá uma esmola...

De-de então divaguei perdido e louco pelas ruas da cidade; quiz abafar no esquecimento do vinho a dor, que me consumia, mas não o pude; quiz adormecer pela fume e fraqueza do corpo esta agonia da alma, mas o espirito sobreviveu a tudo; quiz por fim arremessar-me ás ondas impetuosas do Tejo, mas lembrei-me de meu pae e vivi... Hoje recebi esta carta d'elle; lê.

E Alípio entregava-me uma carta ainda humedecida de lagrimas.

Dizia ella assim:

« Meu filho—Deus infinitamente grande e bom, mas incomprehensivel em seus santos mysterios, não me quiz deixar morrer com a felicidade de me poder revêr e ufanar contigo. Meus cabellos embranqueceram pelos soffrimentos, minhas faces cavaram-se pelas privações,

mas no meio d'este horizonte de desventura scintillava uma luz meiga e terna, que me fazia ainda crer na vida.

Eras tu.

Essa estrella de esperança, que me animava, foi offuscada. Esse derradeiro elo, que me prendia á vida, foi despendagado.

Tu esqueceste o trilha da honra, que devizes seguir; esqueceste o que de mais santo tinhas no mundo—a memoria de tua mãe!..

Foste machucado, Alípio, foste ultrajado semendo a desordem no seio de uma familia, que te acolhia como um pobre, mas que te acolhia como um filho.

Dora avante envergonhar-me-hei por ti.

Poucos dias posso já viver; em breve irei juntar-me no céu a essa martyr, que me espera, e que t-va a felicidade de não ver seu filho expulso d'uma casa honrada.

Sei tudo, Alípio. Não procures justificar-te. Vive, se o remorso da morte que vae dar-me, te deixar viver.

Vive, mas não procures mais ver-me. Sabe apenas, que em morte irei tractando de te esquecer, mas nunca de te amaldiçoar. Este amor é superior ao dever!.. Deus so amerencia de ti, e me perdõe.

A deus...

Jayme do Amaral » Fiquei aniquillado com a leitura d'aquella carta, nascida talvez de intriga teida ao pobre velho. Olhei para Alípio. Flava-me com olhar de anciadade e susto.

— Lêste?.. me perguntou elle.

— Li.

— E não me desprezas por ter aliada coragem de viver?

— Não. Quero até que vivas, quero que te justifiques, quero que voltes para casa de teus tios, quero que dê vida a teu pobre pai. Diz, não respondeste a esta carta?

— Não.

E não lhe tinhas dito que saías de casa de teus tios?

— Tinha-lhe; apenas escripto, que saia d'aquella casa por motivos fortes e justos, e que pedia perdão a meu pae de alho's occultar; mas que seu filho não se envergonharia nunca da sua vida, nem envergonharia jamais seu pae.

— E só isso?

— Só.

Ja se vê que tinha havido intriga. que ergára o pobre Jayme do Amaral.

Levi Alípio para minha casa; tractei-o como amigo, mas o seu estado continuava assustador. Terminaria pela loucura ou suicidio? Obriguel-o a escrever ao pae, contando-lhe tudo o que tinha havido. A carta voltou no correo immediato, mas fechada como fôra.

Alípio continuava a definhar-se; aquella vida era uma não interrompida tortura! Não estudava, não lia, não saia até. Perdera por fim o anno.

Ao suber esta noticia, Alípio não deu uma palavra. Carregaram-se-lhe mais as sobranceiras, contrahiram-se-lhe mais os labios, mas não se queixou. Saiu e não o pude descobrir pelo espago de tres dias: Ao quarto recebi esta bilhete:

— A Amigo:—Perdões-me de não me ter despedido de ti quando vae

talvez ser eterna a nossa separação?

Acho-me a bordo da fragata D. Fernando. Quando receberes este bilhete, já irás longe, a fragata terá de ha muito levantado ferro. Do general e do ministro alcançarei o exercito de Moçambique. Qu' importa viver aqui ou alem, se souder que vages, arrastarei sempre comigo estas duas ideias: não tenho pai—não tenho amante!

Adens, amigo, adens... agradeço-te tudo e peço-te só que faças chegar essas duas cartas a meu pai e a Albertica, se vires que não são ainda um crime essas mesmas cartas.

Teu do coração
Alípio.

Cachoeira, —Abril 1879.

(Continuar-se-ha).

Folhetim ao Comprido

Reminiscencias de um baile

(Fragmentos)

Leitor amigo, já assististe por ventura a alguma soirée fora da Corte?

Anda não?

Pois bem, desprende-te da profunda monotonia que te enerva, rompe d'essa massa inerte de população, que te cerra: trança-te rapidamente a zona que te separa da boioteira povoação da Cachoeira, e vem comigo, segue-me até ao centro d'uma pleiade de mariposas, que voltam neste momento em vertiginosa walsa.

Ja assististe, pois, a algum baile fora da Corte? Se ainda não, dá-me a tua direita e vem.

Foi uma linda noite de Abril, aquella do dia 18, noite de encantos como ha muito tempo não vi! A luz pallida da lua era brilhantemente substituida pelas irradiações sideraes das milharas de mundos, que gravitavam na orbita immensa do espaço; parecia mirar-me as ternas aguas do Parahyba, e sentillavam dolejanas de amor: a brisa suspirava e gemia por entre as folhas dos malvales.

E eu ia assistir n'esta noite a um baile familiar, onde não havia as estultas etiquetas usadas no Cassino e no Mozart: onde a diaphoretica luz de poltrina branca não tinha ingresso; onde o incommodo chapéo de molles era desconhecido.

Apontagueda commissão receptora não nos enfiava com as suas banais e triviaes formalidades, com essa chapa safa e tradicional dos coevos de Luiz XI.

Era a uma reunião de familia, despreziveis, e livre de alavos burlescos e arrebitados, a que ia assistir.

Acredi satisfeito ao convite que me fiz pessoalmente o honrado promotor d'essa festa de familia e fui.

Eram 8 horas da noite.

Entre no salão, recebido pelo illustre Padre Antonio Caetano Ribeiro, com a mesma urbanidade com que me havia convidado.

E' que esta virtude é peculiar ás almas de certa tempera.

Confesso que fiquei extremamente agradado da simplicidade e modestia, que respirava aquelle cavalheiro e tudo o que o rodeava.

E' um modelo no seu genero. Sem parecer velho, que os virtuosos tarde avencentam, tem um ar de magestade, que captiva sympathias. Um sorriso sempre constante e affavel traduz-lhe toda a serenidade de um espirito recto e de um coração bondoso.

O salão é simples, mas bello. Estava sufficientemente illuminado.

Que harmonia no complexo, que simplicidade no conjunto!

Tudo a proposito, tudo util, tudo de proveito immediato.

Era um coo na terra, era um convívio de fadas.

E estava litteralmente repleto de damas e cavalheiros distintos e affáveis. Transparecia a satisfação em todos os rostos.

Fiquei confiado com a inesperada visão, que me surpreendeu.

Só damas eram mais de trinta.

La se vinham, passeavam e voltavam indistinctamente, em todas as direcções aquellas alladas creaturas.

As suas roupas que trajavam tornavam ainda mais phantastica a apparição.

Trouva-se entre os convidados que passavam, viva conversação despreziveis e pueril.

Era o presencio da primeira quadrilha.

Palpitavam os corações febricitantes pela emoção: os labios tremiam de-maiados, mas os olhos d'aquelles nomes typicos, que se melhavam numa constellação, irradiavam faiscas de luz.

Em bailes aristocraticos, falla-se uma linguagem do convenção propria. Os laes aristocraticos aprendem aquella ladinha quando têm quinze annos, como nós os plebeus aprendemos o Padre-Nosso quando temos trez.

Nem de outro modo podia ser.

Pois em que se pode fallar com uma condessa, baroneza, commandadora etc. e tal?

Fu de mim confesso chã e rasmante a minha insufficiencia.

Quando alguma circumstancia casuistica nos colloca no centro de uma dessas reuniões, e que por qualquer motivo como um particular não podemos, não devemos ou mesmo não sabemos usar d'aquella linguagem, ficamos mudos como um tunulo.

E' que realmente não sabemos o que havemos de dizer.

Para fallar em litteratura, tornamo-nos desentendidos e passamos por masadores; para fallar em bordados, temos modo d'alguma syllabada e dos sorrisos sotapados; para fallarmos em modas e toilette, como ellas dizem, era nos necessario um dictionario para entendel-as; em que pois?

Ponto em bores e nem pio.

Mas em corno da verdade sou obrigado a dizer que as nossas dedaides viam a cor do seu sangue pelo mesmo prisma, que viam o meu e o do leitor, que é da mesma raga naturalmente.

Isto posto, continio.

A orchestra dá o signal para a primeira quadrilha.

Abro um parenthesi para dizer que a que predomina cá na terra é composta de mulheres, que a patria de Dante nos envia para nos fazer conhecidos dos melhores arpejos do instrumento de David. E a galta... oh! horror.

Como ia dizendo: a orchestra deu o signal da primeira quadrilha.

Os cavalheiros, verdadeiros liões d'aquella floresta animada, dão emphaticamente os braços aos mimosos e selectos pares.

Perfiso-se, contol-se-se, procam posições adequadas, enchem o suor, com um brigo branco, que trascala orza, endurecem os cotarinhos, agitam a gravata, lançam no fim um olhar de indifferenismo por tudo o que os rodeia.

Rompe o primeiro enrant.

Deslham, perpassam, volteiam todos com a elegancia e conveniencia que recommendava a situação.

Exibem-se com perfeição na choreographia executiva.

Deixemol-os dançar.

Agora tu, leitor, vem juntar-te a mim, e examenes rapidamente estes sylphos torrenes.

Ves aquella moça de cabellos soltos em longas madeixas sobre os hombros, que se agitam voluptuosamente ao fazer aquelle gracioso tour de main? E' a rainha do baile. E' B. aquelle anjo palpavel.

Toda de branco symbolisa a candura. Aquella fronte lisa, de delineação correcta, revela inteligência supina. Os olhos rasgados, envolvidos em aveludadas e-brancellias, despedem limpids e benéficos raios, cujo fluido se inocula nas cordas mais sensíveis dos corações. Por-lhe theus nos labios o sorriso eterno do ephemero desabrochar da magnolia. De formas esculpturales verdadeiramente plasticas, tem um ná que cabe dentro de um maracujá, e é tão bello e formoso como deve ser bom o seu coração.

Ves aquella fada e elegante menina ainda na puberdade? Oh! mas deixemol-os dançar...

A primeira quadrilha seguiu-se outra e outra; innumeras, sempre bem dançadas, atrevidas e com animação.

Nos intervallos, polkas, walsas e... naquellas corras do costume. No meio, chá em profusão e bem servido. Ao humilde tabuleador d'estas luthas foi offerecida uma tipitinda d'aquella deliciosa untura chinesa, por umas mãos, de anneis. Não digo por quem nem que me enforcem, mas, d'um mesmo agradeço-lhe a deferencia e a solicitude.

Em retribuición offereço-lhe tambem, por meo turno, a leitura d'este mal alinhavado folhetim.

O sacrificio da leitura é maior do que o de beber uma chicara de chá, mas eu conto com a indulgencia da amavel leitora. Creio que não m'a recusará.

Saram duas horas da manhã do dia 19, do dia indolevis e saudosa recordações A palidez dormitava ainda. Nada perturbava o silencio morno e suave da noite; parecia que ella se arreceava do broxolear da aurora.

Só lá dentro, no baile, reinava animação. Lá havia vida.

Bolia-se o delicioso nectar dos prazeres pela acarada taça da alegria.

Era um oasis n'um deserto, era um pharol no Oceano.

E eu retirá-me aquella hora, encantado de tantas amabilidades, que me patentearam todas as damas e cavalheiros presentes a reunião, nomeadamente os srs. Padre Antonio e Ribeiro, Olympio Ribeiro e L. G. de Fátima, cavalheiros assaz illustrados e de tracto ameno e... fui-me deitar.

E sabos porque, leitor?

Por causa da barca.

Maldita barca!

Cachoeira, —20—4—79—

V. P.

A PEDIDOS

ATENÇÃO

Tendo de reunir-se hoje em casa de residencia do redactor d'esta folha os membros encarregados de promoverem aos concertos da Capella de Santa Cruz—convida-se aos srs. officiaes carpinteiros que queiram apresentar suas propostas para arrematação dos ditos concertos.

Cachoeira, 27 de Abril de 1879.

Deo gratia.

Os illmos. srs. dr. Ildefonso Azevedo de Azevedo, José Luiz Pereira de Magalhães, Francisco Fernandes Guimarães, Manoel Marques Pinto, João Rodrigues Correia, Bento Alves de Moura Coelho e João Antonio de Oliveira Porto, membros da commissão angariadora de denativos para a capella de S. Cruz—são convidados a comparecerem no escriptorio d'esta folha hoje ás 4 horas da tarde, afim de deliberarem sobre os meios de orçar e dar começo ás obras da referida capella.

Anuncios

GRANDE NOVIDADE

Acaba de chegar em casa de Rodolpho

Machado um grande e variado sortimento de tecos e molhados o qual vende por preços que espera atrahir a attenção e concorrência do publico.

Assim como:		
Assucar refinado de 1. ^a	kilo	300
" " " 2. ^a	"	440
" cru Pernambuco	"	560
" bom	"	440
" mascavinho	"	832
Carne secca superior de 1. ^a	"	560
Bacalhau	"	600
Manteiga franceza sup.	"	38200
Chá Hyson	"	78200
Arroz sem casca	"	230
Café socado	"	440
Macarrão e Laxana	"	18400
Canhão fresco sup.	"	182 0
Cerveja Tent. branca	garrafa	18000
" " preta	"	18000
" Bess	"	18100
" Nacional	"	400
Vinho do Porto fino	" de 18 a	18800
" Bordeaux	"	18600
" virgem chamisso	"	560
branca e luto	"	560
Vingre tinto de Lisboa	"	300
Cognac superior	litros	2400
Azete doce fino	litros	120 0
" grosso	"	1000
Kerosene	garrafa	200
Aguardente de 20 graus	garrafa	1500
Genebra Fokink	botija	800
Genebra Hollandeza	frasco	1300
Conserva	frasco	1300
Passas novas	kilo	1300
Amoras	lata	1400
Figos	lata	1400
Goiabada de Campos	lata	600
Dita casaão	lata	2400
Marmelada superior	lata de 400	600
Frodas Francozas	lata	1100
Peixe em molho	lata	1400
Sardinha	lata	400
Molho de tomates	lata	900
Oleio do Reino fresco	lata	4200
Vellas de composição	masso	200
Coze da Italia	uma	320
Peneiras finas	uma	440
Taman-os	par	1
Dão de laranja	par	1
Sai	10 litros	640

Vinho, champagne a vista da fahctura, Canella, pimenta do Reino, cebollas, vellas de coze, mate em pó, fumo, toucinho, generos daglaterra etc.etc.

Lorena, 27 de Março de 1879.

Convite

Claudino de A. Palma convida aos parentes e amigos do fallecido João Pinto de Souza, para assistirem a uma missa de 7.^a dia, que por alma d'aquelle finado manda celebrar, 27, feira 1.^a de Maio proximo, n'esta reguezia.

Ultima hora

Obito.—Falleceu na vizinha freguezia do Sapé o sr. João Pinto de Souza, que alli occupava o lugar de subdelegado de Policia. Perden aquella freguezia u m prestaute cidadão.

Damos pezames a sua, exma. familia.

Acha-se em Lorena s. ex. o sr. dr. Chefe de Policia que ahi veio para syndicar do horrendo assassinato do Capm. João I. Bittencourt.

Segundo horem para aquella cidade (Lorena) a força publica estacionada n'esta freguezia e commandada pelo Alferes Pinho.

Nomeação.—Informam-nos que fóra nomeado para occupar o lugar de administrador do registro da barreira do Salto n'esta freguezia o sr. Domiciano Rodrigues.

Parabens ao nomeado.

Typ. do Echo Municipal Cachoeira.